

Tradições preservadas

Projeto da Universidade de Newcastle, no Reino Unido, busca catalogar o patrimônio imaterial de várias partes do mundo. O foco está nas manifestações culturais ameaçadas de desaparecer. China, Guiana e Quênia já participam da iniciativa

» PALOMA OLIVETO

Qualquer pessoa, disse o folclorista Luis da Câmara Cascudo, é um mestre que sabe contos, mitos, lendas, versos e superstições, “e sabe fazer caretas, apertar mão, bater palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva”. Maestria essa que corre o risco de se perder, à medida que começam a desvanecer na memória popular as conversas contadas à beira da fogueira, as músicas que os tataravós cantavam, o entalhe ancestral das peças de artesanato, as danças que, novamente nos ditos do pesquisador potiguar, “parecem ter nascido com a gente”.

A conservação do chamado **patrimônio imaterial** ou inatingível é uma preocupação de pesquisadores da universidade inglesa de Newcastle, que trabalham na construção de um ambicioso inventário cultural. Financiado pela Comissão Europeia, o Projeto En-compass pretende não apenas catalogar a memória de um povo, mas registrar, com detalhes, a origem, a história e o significado de cada um dos itens, que vão de dialetos a cerimônias, passando por contos, músicas e danças. A seleção dos patrimônios é feita pela própria população local, estimulada a identificar, principalmente, aqueles ameaçados de cair no esquecimento.

Além do Reino Unido, participam China, Guiana e Quênia. O arqueólogo Aron Mazel, um dos idealizadores, explica que a intenção não é criar um inventário de todo o patrimônio inatingível do mundo. “Isso seria algo grande demais, inviável”, afirma o pesquisador de Newcastle. Mas, segundo ele, o modelo poderia inspirar a criação de projetos semelhantes. “Nós gostaríamos de ampliar o trabalho de documentação, mas isso vai depender de uma série de fatores, incluindo mais financiamento”, explica. Por enquanto, eles têm garantidos 950 mil euros.

Os países que participam do projeto foram escolhidos a partir de contatos acadêmicos e institucionais. Um dos parceiros é o Centro Internacional de Conservação e Desenvolvimento da Floresta Iwokrama, da Guiana. A ONG cuida de uma área de 360 mil hectares de floresta tropical intacta, doada pelo governo e pelo povo do país à comunidade internacional. “Essa oferta ao mundo foi feita em 1989”, conta Raquel Thomas-Caesar, diretora da entidade. No local, os nativos são estimulados a conservar e fazer uso sustentável dos recursos naturais.

Diálogo

Raquel diz que, na primeira fase do En-compass, representantes dos quatro países fizeram expedições de intercâmbio e puderam conhecer o patrimônio imaterial uns dos outros. “Essas visitas buscavam encorajar um diálogo internacional para se criar um rede da expressão das culturas locais”, afirma. Na Guiana, 12 pessoas foram curadoras de uma exposição itinerante da cultura do país, que será levada à Inglaterra, à China e ao Quênia. “A Guiana tem uma rica cultura, já que temos muitos grupos étnicos aqui, como indianos, ameríndios africanos, chineses e portugueses. O país tem nove nações indígenas. O projeto está mais concentrado no Rupununi Norte, área associada ao povo Makushi, que tem uma cultura tradicional muito forte, ligada a música, dança, arte, artesanato, agricultura, caça, pesca, alimentação, linguagem, folclore e espiritualidade”, relata.

Além de partilhar a informação cultural, ela afirma que o

Yuri Cortez/AFP - 26/11/10



Artistas da Guiana fazem apresentação de dança típica de seu país durante visita do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva: intercâmbio cultural é um dos objetivos do projeto

Brasil

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é responsável, no Brasil, pela política de salvaguarda dos bens culturais imateriais. Atualmente, há 23 bens registrados, como o frevo e a festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Outras 21 manifestações aguardam registro, como o ofício das raizeiras e dos raizeiros do Cerrado e a literatura de cordel.

En-compass pretende assegurar a proteção do patrimônio popular. “Foi dada ênfase especial à formação e profissionalização das pessoas envolvidas. Acreditamos que um trabalho com profissionais competentes é substancial para a gestão e salvaguarda do patrimônio cultural”, diz.

A África anglofônica é representada pelo Centro de Desenvolvimento do Patrimônio da África (CHDA, sigla em inglês), instituição baseada no Quênia. No primeiro ano de atividades (2010), um artista performático, um artesão e um museólogo foram escolhidos para participar de um workshop com colegas dos outros três países. “Durante o workshop, eles se debruçaram sobre questões relacionadas aos riscos que correm o patrimônio material e imaterial da China, da África anglofônica, da Guiana e da Inglaterra, além dos desafios para protegê-lo”, descreve Deirdre Prins-solani, diretora do CHDA. Quando voltaram, os participantes usaram suas redes profissionais e pessoais para disseminar campanhas de conscientização sobre a proteção patrimonial.

Entre novembro e dezembro do ano passado, os quatro países participantes realizaram treinamentos locais. “O objetivo era fazer as pessoas entenderem, apreciarem e tomarem conta de seus

Iwokrama International Centre for Rainforest Conservation and Development/Divulgação



Dança típica dos makushi, da Guiana, um patrimônio imaterial do país

Centre for Heritage Development in Africa/Divulgação



Tribo queniana mostra dança tradicional para colegas de outros países

Três perguntas para

ARON MAZEL, UM DOS LÍDERES DO PROJETO EN-COMPASS

Como será, na prática, esse inventário?

Nós trabalhamos com parceiros em quatro países para documentar o que as pessoas desses locais identificam, elas mesmas, como patrimônio ameaçado ou em risco. A documentação será totalmente acessível no site do projeto (www.en-compass.ac.uk) nos próximos meses. Também gostaria de mencionar que o projeto realizou workshops na China, no Quênia e na Guiana, que estamos desenvolvendo um museu itinerante com material dos quatro países e que três estudantes da China, do Quênia e da Guiana farão

próprios recursos culturais. Particularmente, procuramos aumentar a consciência sobre o papel da cultura na coesão social e na luta contra todas as formas de discriminação”, relata Prins-solani.

Diversificação

A diretora do CHDA afirma que o patrimônio cultural do Quênia é bastante diverso, pois

pós-graduação no Centro Internacional de Estudos Culturais e Patrimoniais da Universidade de Newcastle. Nossa intenção é que, ao fim dos estudos, essas pessoas voltem aos seus países e continuem a trabalhar com a salvaguarda e a promoção do patrimônio.

Existe algum trabalho em conjunto com a Unesco?

Não, não trabalhamos com a Unesco, mas estamos atentos sobre seus programas e convenções. É nossa intenção compartilhar nosso trabalho com eles assim que estivermos com a documentação completa.

Como os pesquisadores brasileiros poderiam contribuir para o projeto?

Nesse ponto, provavelmente não seria possível incluir o material do Brasil no site, mas é algo que seria bom para fazer no futuro. Ficaríamos felizes, porém, de compartilhar com nossos colegas brasileiros nossos objetivos e experiências. Nós gostaríamos de encorajá-los a desenvolver um projeto similar, apropriado à realidade brasileira. Não tenho dúvidas de que os desafios que o Brasil tem em relação à salvaguarda de bens culturais em risco são similares aos que os outros países com os quais trabalhamos experienciam.

um tipo de música muito particular, chamada taarab, e de uma culinária ancestral característica. “A contação de história é algo comum a todas as comunidades, com os mais velhos passando informações culturais aos mais jovens”, diz.

Esse patrimônio, afirma Prins-solani, está em risco. “Os jovens estão se inserindo em culturas completamente novas,

especialmente depois da disseminação da internet, que permite o acesso à cultura global. O CHDA está tentando trabalhar com a juventude para diminuir esse problema, trazendo os mais novos para perto de sua própria cultura”, conta a diretora da instituição. O mesmo acontece na Guiana, de acordo com Raquel Thomas-Caesar. “Os líderes comunitários estão muito preocupados, por exemplo, com o declínio de falantes de makushi, a língua do povo makushi”, afirma.

Ainda assim, Prins-solani e Thomas-Caesar são otimistas quando o assunto é a preservação desses bens. “O governo da Guiana, alguns anos atrás, declarou que todo setembro é o mês da tradição ameríndia. Acredito que isso ajuda a restabelecer o orgulho da cultura ameríndia, além de permitir que os indígenas da Guiana compartilhem sua cultura com outros grupos étnicos”, diz a diretora do Centro Internacional de Conservação e Desenvolvimento da Floresta Iwokrama. “As comunidades estão se envolvendo e devem continuar a se envolver com o progresso do projeto”, acredita Prins-solani. “Sabemos que isso vai causar um impacto significativo na segurança do patrimônio cultural imaterial.”